

TEXTO 2

DESENVOLVIMENTO INFANTIL

“O desenvolvimento não é um processo linear, mas ocorre por saltos e por degraus, cujo ritmo varia conforme os indivíduos.”

Judit Falk¹

Várias são as teorias sobre o desenvolvimento infantil e, consequentemente, as formas de compreendê-lo e mensurá-lo. Independente de quais sejam, elas sinalizam a **aquisição de habilidades e capacidades** em nível motor, cognitivo e emocional, que são influenciadas por fatores genéticos, culturais e ambientais. É por isso que bebês e crianças com a mesma idade cronológica podem ainda não ter adquirido as mesmas competências.

Outro aspecto comum às teorias do desenvolvimento infantil é que as conquistas dos bebês e crianças não acontecem sequencialmente – por exemplo, engatinhar, ficar em pé com apoio e andar (há bebês que não engatinham, sem que isso prejudique seus primeiros passinhos). Entre essas conquistas, o bebê desenvolve “pequenas” habilidades, fundamentais para que as “grandes” aconteçam.

Do mesmo modo, cada nova conquista é marcada por **avanços e retrocessos** em outras habilidades e capacidades já adquiridas. Uma criança que está descobrindo ou aprendendo uma nova competência, gasta tanta energia nessa tarefa, que pode afetar temporariamente seu humor ou seu padrão de sono e alimentação. Daí a importância de olhar para cada bebê e criança como sujeitos únicos.

¹ Judit Falk, é pediatra e professora de psicologia na Universidade de Budapeste e foi diretora do Instituto Pikler até 1991. É a autora de mais de duas centenas de artigos publicados em revistas de pediatria, psicologia e pedagogia. Participou na elaboração de catorze obras na saúde e educação, dentre suas principais obras está o livro de Educar os Três Primeiros Anos: A Experiência De Loczy, 2011.

Comparar o desenvolvimento de uma criança ao de outras pode ser um tanto arriscado se não considerarmos sua **história individual** e as **várias dimensões do desenvolvimento**. As tabelas e gráficos que aparecem em manuais médicos e cadernetas de saúde mostram a idade média em que certas habilidades ou capacidades são adquiridas, destacando, em sua grande maioria, somente os principais balizadores do desenvolvimento infantil. Vale ressaltar que tais tabelas e gráficos servem como uma **referência** para os profissionais que acompanham bebês e crianças, não podendo ser usados como único meio para diagnosticar o atraso ou a precocidade de um bebê ou criança.





Dizer que aos sete meses um bebê não senta sem apoio não tem nenhum significado quando olhado isoladamente. Para que este dado tenha sentido e alguma relevância, é preciso relacioná-lo a outros fatores, como por exemplo, a interação do bebê com outras pessoas, como se dá a ingestão de alimentos sólidos, se ele senta com apoio, onde ele passa a maior parte do dia, entre outros. Da mesma forma, não há nenhuma vantagem em um bebê engatinhar ou andar mais cedo do que outros. O fundamental é que ele esteja ganhando musculatura ao rastejar, engatinhar e **brincar livremente** em um ambiente protegido e acolhedor.

Quando há dúvidas sobre o desenvolvimento de uma criança, as discussões de caso em equipe e com outros profissionais que a acompanham são de extrema importância para que se tenha uma **compreensão global** sobre ela e se possa pensar em maneiras de intervir e se relacionar com ela de forma a ajudá-la em seu desenvolvimento.

BEBÊS PREMATUROS: IDADE CRONOLÓGICA X IDADE CORRIGIDA

Quando pensamos no desenvolvimento de um bebê prematuro, devemos levar em consideração sua idade corrigida, já que seu padrão de desenvolvimento pode ser diferente do padrão típico de um bebê que nasce entre a 37^a e a 40^a semana gestacional. Para fazer a idade corrigida, deve-se subtrair de 40 a idade gestacional que o bebê tinha ao nascer. Então, se um bebê nasce de 32 semanas gestacionais, ele estará oito semanas ou dois meses “atrasado” em relação à sua idade cronológica. Ou seja, quando ele tiver cinco meses de idade, poderá estar se desenvolvendo como uma criança de três meses, sem que isso seja um problema.

Além de corrigir a idade dos prematuros, deve-se considerar que quando um bebê nasce prematuro, ele pode ser submetido a situações adversas na UTI neonatal (por exemplo, infecções hospitalares, eventos associados a medicamento, ao uso de cateteres intravasculares e os relacionados à assistência respiratória do recém-nascido), as quais também poderão influenciar o seu desenvolvimento. A diferença no desenvolvimento do bebê prematuro tende a desaparecer durante os três primeiros anos de vida. Porém, alguns deles podem apresentar atrasos a longo prazo. O importante é manter o acompanhamento periódico com o pediatra, para que ele possa



investigar qualquer sinal de alerta e encaminhar o bebê para atendimento especializado necessário.

FAVORECENDO O DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS

Uma fala bastante comum entre profissionais que trabalham com a primeira infância é que o bebê precisa de **estímulo** para se desenvolver. De fato isso é verdadeiro. Mas, ao contrário do que muitos pensam, a estimulação, salvo algumas exceções, não requer nenhuma atividade específica ou especializada. Desde que haja **condições ambientais favoráveis**, ou seja, vínculos afetivos e um ambiente físico preparado, os estímulos que promovem o desenvolvimento do bebê se encontram no seu cotidiano.

Na vida intrauterina e após o nascimento, toda experiência do bebê passa pelo corpo. É através dele que o bebê expressa suas sensações de prazer ou desprazer, bem estar ou mal estar, dor ou desconforto. É com o corpo que o bebê vivencia suas descobertas e conhecimentos de si e do mundo. Na medida em que oferecemos ao bebê um ambiente seguro, aconchegante e relaxado o suficiente para que ele possa se expressar livremente, permitimos-lhe seguir em suas observações e explorações. Em outras palavras, permitimos-lhe **brincar!**

Através do brincar o bebê conhece seu próprio corpo e limites, reconhece o mundo exterior e o limite entre ele e as pessoas e objetos que o cercam. Brincar possibilita que construa sua compreensão de mundo, a noção de tempo e espaço, de causa e efeito. Contribui para estreitar os vínculos afetivos, para superar os medos e elaborar conflitos, além de favorecer o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da solução de problemas e a construção de recursos internos para lidar com as dificuldades que se apresentarão ao longo da vida.

Podemos dizer que o bebê brinca desde que nasce. Ele olha o que tem ao seu redor, brinca com suas mãozinhas, com o lençol que o cobre, com a roupa de quem o cuida. Brinca com os sons que sai de sua boca, com os movimentos que consegue fazer com seu corpo, com o que lhe é



oferecido e com o que é capaz de buscar sozinho. Brinca com quem se dedica aos seus cuidados, especialmente quando este responde às suas brincadeiras.

O brincar favorece o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor. Brincando o bebê explora os movimentos de seu corpo, experimenta ficar em novas posições e espaços, o que é essencial para sentir-se confiante e capaz de dar um passo adiante em suas conquistas motoras. Tais experimentações, contudo, só acontecem diante de uma condição ambiental suficientemente segura e livre.

O adulto precisa considerar o bebê um sujeito potente e ativo, não um mero receptor de cuidados. Por maior que seja sua dependência em relação ao adulto, o bebê, desde bem pequeno, já esboça preferências e movimentos autônomos e colaborativos, se lhe dermos chances para isso. No trocador, por exemplo, se não tivermos pressa, é possível, na medida em que antecipamos e dizemos ao bebê o que estamos fazendo, que ele ofereça seu bracinho ou perninha para ser vestido ou despiido.

Respeitar o ritmo do bebê é confiar na sua capacidade de desenvolvimento e independência. Por isso, não há necessidade do adulto ensinar a criança a sentar, engatinhar, andar, etc. Não se deve adiantar nenhuma fase, nem colocar a criança em uma posição que ela não tenha conquistado por si mesma, para a qual talvez ainda não esteja pronta ou não consiga sair sozinha. Por exemplo, não devemos colocar bebês sentados com apoio se eles ainda não conseguem sentar sozinhos. A conquista própria de posturas permite que o bebê volte à posição anterior sempre que tiver vontade, de forma segura e controlada. Assim, ele pode experimentar essa situação diversas vezes, até que a nova posição esteja bem assimilada, sem que um adulto precise ajudá-lo.

Permitir ao bebê brincar sozinho não é deixá-lo desassistido, mas sim estar presente através da observação e de eventuais intervenções que possam se fazer necessárias. Para brincar sozinho, o bebê precisa da segurança que é conferida com a presença do adulto em seu campo de visão. Quando o adulto precisa se ausentar brevemente, é importante marcar sua saída, informando onde estará e quando retornará. O adulto pode continuar, mesmo à distância,

dialogando com ele, cantando uma musiquinha. A voz do cuidador também ajuda o bebê sentir-se seguro nos momentos de breve ausência.

Outro aspecto essencial para favorecer o desenvolvimento dos bebês é o ambiente físico, que deve ser preparado e organizado para que os bebês tenham espaço a sua volta e possam descobrir e exercer suas possibilidades motoras enquanto brincam. A partir dos três meses, os bebês devem ser colocados no chão, sempre de barriga para cima, onde possam se movimentar a vontade, para que passem por todas as etapas do desenvolvimento motor: deitar de lado, de bruços, rolar, engatinhar, sentar, ficar de pé e andar. Deve-se ressaltar que esses espaços precisam ser aconchegantes, seguros (cercados), preferencialmente com piso quente (como madeira, MDF ou EVA), para que possam se movimentar com liberdade, interagir com outras crianças e explorar seu entorno sem riscos. Do mesmo modo, precisamos estar atentos a tudo que pode limitar seus movimentos: roupas e sapatos apertados ou desconfortáveis, e acessórios, equipamentos ou objetos que limitem a livre exploração.

Por mais que o berço, o carrinho e o bebê conforto forneçam um espaço seguro, este espaço é muito limitado para quem está em desenvolvimento e precisando explorar seu próprio corpo e o que tem à sua volta. A partir de três meses, os bebês devem ficar nos berços apenas enquanto dormem ou repousam. Quando despertos, é importante que possam ficar em outros ambientes da casa ou ao ar livre.

É importante também que o bebê tenha acesso a diferentes objetos que possam ser levados à boca, tateados, acarinhadados, arremessados, puxados, apertados, colocados um dentro do outro, empilhados. Os brinquedos para bebês devem propiciar diversidade de experiências e o desenvolvimento da fantasia. Eles não precisam ser muito elaborados e em grande quantidade – objetos simples como panos coloridos, fitas de cetim, caixas, potes, bacias, espelhos, chocinhos, peneiras e colheres de pau ou plástico podem oferecer horas de brincadeiras às crianças, pela riqueza do novo e pela plasticidade de se “transformarem” de acordo com a imaginação. O brinquedo pronto, elaborado, que “faz tudo sozinho”, deixa a criança numa posição passiva, uma vez que não dá muita brecha para as fantasias e as descobertas se manifestarem.

É preciso estar atento para que os brinquedos não tirem ou substituam o tempo de interação entre o educador e a criança. O educador deve também brincar com o olhar, com as palavras, com seu próprio corpo (batendo palmas, fazendo caretas, sons com a boca), bem como cantar músicas, fazer cócegas, brincar de “Cadê? Achou!”, usando a toalha ao sair do banho ou a roupinha na hora da troca, criando uma relação de intimidade e de afeto com o bebê.

Conforme o bebê cresce ele convoca cada vez mais o lugar de brincante do educador. Ele arremessa e arrasta objetos, se esconde, coloca brinquedos menores dentro dos maiores. O que a princípio pode ser algo chato para o adulto por conta da repetição de ações ou mesmo pela eventual bagunça que se faça, são ricos jogos que contribuem para o desenvolvimento emocional da criança. Por isso, empreste-se ao bebê para estas brincadeiras!

Brincar é bom e muito saudável. Contudo, todo excesso pode ser cansativo e estressante para o bebê. Quando ele esboçar sinais de que seu tempo numa determinada atividade ou local da casa foi suficiente, valide seu pedido de que é hora de parar. Afinal, descansando ele recuperará energia para o próximo momento de descobertas.

ANDADOR: UM EQUIPAMENTO PERIGOSO E DESNECESSÁRIO

POLÊMICA DOS ANDADORES INFANTIS

Riscos, de acordo com médicos



Fonte: Folha de SP <https://goo.gl/SOfjcF>



O andador, equipamento que muitos pais e educadores brasileiros utilizam com os bebês entre seis e quinze meses, traz diversos riscos de acidentes e de atrasos no desenvolvimento. Sua comercialização e uso já são proibidos no Canadá. No Brasil, é condenado pela Sociedade Brasileira de Pediatria, que alega que uma em cada três crianças que o utilizam sofrem traumatismos, 80% destes por queda de escadas. É verdade que o andador confere independência à criança, no entanto, é extremamente arriscado dar independência demais numa fase em que ela ainda não tem a mínima noção de perigo. Além da possibilidade de acidentes que seu uso traz, o andador atrasa o desenvolvimento psicomotor da criança. Bebês que o utilizam engatinham menos e levam mais tempo para ficar em pé e caminhar sem apoio. A satisfação da criança ao usar o andador não vale o risco. Um bebê fica feliz por muito menos: experimente colocá-lo em um ambiente seguro, rodeado por brinquedos e brincar com ele, medidas que com certeza vão lhe proporcionar segurança e sorrisos!

A PALAVRA QUE APRESENTA O MUNDO

“Espero fazer compreender assim o papel do ‘falar a verdade’ (...), muitas vezes dura de escutar, mas que, se falada e dita parte a parte, permite ao sujeito construir-se e humanizar-se a partir daí”.

Françoise Dolto²

Por que falar com os bebês? Será que eles entendem? Um bebezinho, antes mesmo de nascer, está imerso no **universo da linguagem** – ele é falado pela sua mãe e pelas pessoas à sua volta, que falam sobre ele e muitas vezes conversam com ele. Não é raro encontrarmos pais que conversam com os filhos, mesmo quando eles ainda estão dentro da barriga. Muitas mães, pais, tios e avós fazem planos e incluem esse bebê, que nem nasceu ainda, na rede familiar e na

² Françoise Dolto foi uma pediatra e psicanalista francesa. Pioneira, em psicanálise de criança, desenvolveu importante experiência clínica e foi reconhecida pela eficácia do seu trabalho. Chamou a atenção para o sofrimento da criança ligado ao “não dito” e à falta de verdade, ainda que justificados como sendo para o bem da criança.



sociedade: “Acho que a Joaninha vai ser bailarina!”; “O Marquinhos chuta tanto que vai ser jogador de futebol.”. Por meio desses gestos, falas e conversas, os adultos expressam sonhos e expectativas em relação àquela criança que ainda está por vir e assim se preparam para recebê-la. Mas, mais do que isso, eles também propiciam um **lugar para o bebê pertencer** e elaboram um **projeto de futuro para essa criança**.

Quando este bebezinho nasce, ele experimenta o mundo pela primeira vez – sente o frio do ambiente, o ar entrando pelos seus pulmões, a luz do local, o som das coisas à sua volta e realiza sua primeira forma de se comunicar: ele chora! Nesse momento, entre todas essas novas experiências, algo se apresenta como familiar ao bebê: a voz de sua mãe, que ele reconhece desde o quarto mês de gestação, assim como as outras vozes que ouviu regularmente na fase intrauterina. Esta **voz familiar acolhe**, então, o desconforto do bebê e o faz perceber que não está sozinho.

Pesquisas mostram que a voz materna acalma o bebê no momento do nascimento e é também pela voz que ele será recebido pela mãe. A voz é, portanto, a primeira referência já conhecida do bebê ao nascer e será por meio dela que ele construirá o primeiro vínculo com sua mãe.

Quando pensamos nos bebês institucionalmente acolhidos, devemos lembrar que eles foram separados de suas famílias e, portanto, “dessas vozes” que lhes eram conhecidas. No lugar delas, entram outras pessoas com quem ele terá que formar novos vínculos. Assim, **as palavras do educador têm a mesma importância da palavra materna**: receber, acalmar e apresentar esse novo lugar ao bebê. Da mesma forma que uma mãe apresenta o mundo para seu filho, os educadores fazem essa função com cada criança que chega à instituição. Ao falar frequentemente com ele, o educador se deixa conhecer e oferece sua voz para que o bebê se vincule a ele. Sua voz se tornará uma primeira referência para o bebê nessa nova situação. Aos poucos, através da relação com o educador, que se constrói por meio do afeto e das falas que ele dirige ao bebê, o serviço de acolhimento se transforma em um ambiente no qual o bebê se sentirá acolhido, seguro e protegido.



Portanto, no momento de chegada do bebê ao serviço de acolhimento é importante contar-lhe onde ele está, quem são aquelas pessoas à sua volta, por quem ele será cuidado enquanto estiver ali, mostrar o seu quarto, seu berço e outros cômodos da casa. É importante também dizer-lhe **o que está acontecendo**, nomeando que ele foi separado de sua mãe e/ou família e que ali não estará sozinho e será cuidado por outras pessoas. E, principalmente, assegurar-lhe que mesmo em um ambiente coletivo terá sua história particular resguardada e um projeto de futuro construído.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Roberta (coord). **O acolhimento de bebês:** práticas e reflexões compartilhadas.

Instituto Fazendo História. São Paulo, 2011 Disponível em:

<<http://www.fazendohistoria.org.br/publicacoes/>>. Acesso em 24/03/2017

NOGUEIRA, Fernanda (org). **Entre o singular e o coletivo:** o acolhimento de bebês em abrigos.

Instituto Fazendo História, São Paulo, 2011. Disponível em:

<<http://www.fazendohistoria.org.br/publicacoes/>>. Acesso em 24/03/2017